

**Tradi(u)ção e violência – as traduções
em português de Levítico 20,27**

**Translation/tradition and violence – the
Portuguese translations of Leviticus 20,27**

Zuleica Dantas Pereira Campos¹
Fabiano Aparecido Costa Leite²

RESUMO

A tradução da Bíblia para o português é marcada por inúmeras modificações na história, inclusive incluindo e removendo conceitos a partir da ideologia das comunidades de tradução. Objetivamos compreender, a partir do conceito da Análise do Discurso de Maingueneau, como o comportamento violento de alguns cristãos frente às religiões de matriz africana pode encontrar justificativa para seus atos a partir do texto bíblico traduzido para a língua portuguesa, especialmente Levítico 20,27, onde encontramos a lei que decreta a morte por apedrejamento, quando se refere à desobediência de falar com os mortos.

PALAVRAS-CHAVE

Análise do discurso. Intolerância. Religiões afro-brasileiras. Levítico.

ABSTRACT

The translation of the Bible into Portuguese is marked by innumerable changes in history, including inclusion and removing concepts from the ideology of translation communities. We aim to understand, from the concept of Maingueneau Discourse Analysis, how the behavior of Christians may be linked to the biblical understanding based on acts of violence against Afro-Brazilians worshippers. We will use the idea that

¹ Pós-doutorado em Ciências da Religião, Coordenadora do PPG-CR da UNICAP.
E-mail: zuleica@unicap.br

² Doutor em Ciências da Religião da UNICAP, E-mail: costaleitefabiano@gmail.com

biblical translations can contribute for religious violence. In the translations of the Bible into Portuguese, especially Leviticus 20,27, we find the law that requires death by stoning when referring to the disobedience of speaking to the dead.

KEYWORDS

Discourse Analysis. Intolerance. Afro-Brazilian Religions. Leviticus.

Introdução

Os relatos de violência ligados a questões religiosas no Brasil são abundantes e estão intimamente associados à intolerância religiosa, tendo – em sua maioria – como protagonistas os praticantes de diversas correntes do cristianismo em embates com adeptos das religiões afro-brasileiras. Esses fatos podem ser observados através de matérias publicadas cotidianamente na imprensa. Podemos apresentar como exemplo a notícia publicada pelo Estado de Minas, a qual indica que, em apenas dois meses, o Rio de Janeiro registrou trinta e dois casos de violência contra praticantes de religiões afro-brasileiras³, o que indica a possibilidade de esses números serem maiores, pois nem todos os acontecimentos de violência costumam ser oficialmente relatados.

Casos de maior repercussão são detalhados por diversas mídias, como o da menina de onze anos, que levou uma pedrada por estar com as roupas típicas do candomblé. Em entrevista à Folha, uma das pessoas que acompanhava a menina relatou que “os agressores levantaram a Bíblia e chamaram todos do grupo de ‘diabo’. ‘Vai [sic] para o inferno’, ‘Jesus está voltando’, gritaram os dois”⁴.

³ VIEIRA, Isabela. Aplicativo recebe denúncias de violência contra praticantes de religiões afro. Agência Brasil. 13 out 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/aplicativo-recebe-denuncias-de-violencia-contra-praticantes-de>. Data de acesso: 01/02/2018.

⁴ OLIVEIRA, Felipe. Após sair de culto de candomblé, menina de 11 anos leva pedrada no Rio. *Folha de São Paulo*. 16 jun 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1642819-apos-sair-de-culto-de-candomble-menina-de-11-anos-leva-pedrada-no-rio.shtml>. Acesso em: 01/02/2018.

Outro fato que chamou a atenção pública foi o de uma idosa de sessenta e cinco anos, também atingida por pedras. Conforme relata a reportagem do G1:

Segundo Eliane, nesta sexta a mãe passava pela rua quando ouviu uma vizinha, que reiteradamente lhe dirige ofensas, dizer “lá vem essa velha macumbeira. Hoje eu acabo com ela”. Maria foi tirar satisfações e a vizinha pegou uma pedra no chão e arremessou contra a idosa⁵.

Em inúmeros casos de agressão, arremessar algum objeto, como pedras e paus, contra os templos e pessoas praticantes das religiões de matriz africana é comum, como podemos observar em diversas narrativas, como a reportagem do G1 RN: “primeiro eles nos agrediram verbalmente, depois começaram a jogar coco, pau e pedra”⁶.

São relatos de violências praticadas em todo o Brasil e, majoritariamente, praticadas por pessoas que dizem professar alguma variação da fé cristã. Partindo dessas reflexões, este artigo visa compreender como o comportamento de alguns adeptos de doutrinas cristãs podem encontrar respaldo para seus atos violentos contra os praticantes das religiões afro-brasileiras no do texto bíblico traduzido para a língua portuguesa.

Caminharemos na ideia de que as traduções bíblicas podem corroborar com o processo de violência e intolerância religiosa. Embora uma tradução não seja a causa ou ordenação direta, seus adeptos podem encontrar fundamentações religiosas em diversos textos bíblicos para a reprodução da violência cotidiana a um grupo específico de religiosos brasileiros e permitir ao agressor a possibilidade de uma sensação de ato justificável ou permissivo. Nosso foco está ligado especificamente às diversas traduções da Bíblia para o Português, disponíveis no Brasil e,

⁵ SILVEIRA, Daniel. Idosa é agredida a pedradas e família denuncia intolerância religiosa em Nova Iguaçu. *G1 Rio*. 20 ago 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/idosa-e-agredida-a-pedradas-e-familia-denuncia-intolerancia-religiosa-em-nova-iguacu.ghtml>. Acesso em: 05/02/2018.

⁶ CORTEZ, Lucas. ‘Jogaram coco, pau e pedra’, diz chefe de terreiro de umbanda que se diz alvo de intolerância religiosa no RN. *G1 RN*. 02 nov 2017. Disponível em: ‘Jogaram coco, pau e pedra’, diz chefe de terreiro de umbanda que se diz alvo de intolerância religiosa no RN. Acesso em: 20/02/2018.

em análise nesse artigo, a Levítico 20,27, onde podemos encontrar claramente a lei que decreta a morte por apedrejamento, notadamente quando se refere à desobediência de falar com os mortos.

Tradução e ideologia

Para avaliar como a interpretação de Levítico 20,27 na Bíblia em português pode ou não fornecer justificativa para atos de violência contra os praticantes das religiões afro-brasileiras, é importante observar se existe alguma referência direta ou indireta dessas religiões nesse versículo a partir dos textos traduzidos, uma vez que foram escritos originalmente em outra cultura e época, às quais essas religiões não estavam presentes. Aqui, é importante ressaltar que as versões traduzidas da Bíblia sempre foram motivos de debate na Linguística⁷, na Teologia⁸, na História⁹ e nas Ciências da Religião¹⁰. As sucessivas reestruturações que sofrem na passagem de uma língua para outra trazem calorosos debates sobre as possibilidades e certezas de um texto e as convicções empregadas. É importante deixar claro que nosso interesse primordial está na ideologia que as traduções trazem consigo, e não na sua fidelidade de passagem de uma língua para outra.

Compreendemos também que diversas traduções ou reelaborações das traduções apresentam uma enorme gama de variantes para determinar os procedimentos de compilação do texto bíblico em uma versão específica, podendo, inclusive, ser modificadas entre suas edições, pois “toda tradução de um texto, de uma língua para outra, tende a modificar as marcas estilísticas e argumentativas — uma vez que em cada mundo-vida e idioma existem padrões distintos de estilo e argumentação”¹¹.

⁷ LOPES, M. M. M. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos lingüísticos e socioculturais*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Mackenzie 2008, p. 62.

⁸ CAVALCANTI, G. H.. *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 29.

⁹ ANGUS, J.. *História e doutrina e interpretação da bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 16.

¹⁰ RIBEIRO, O. L. *Os “filhos de Adão” na Bíblia Hebraica*. REFLEXUS, v. 5, n. 6, 2014, p. 146.

¹¹ ZABATIERO, J. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 42.

A própria escolha dos textos-fonte também muda consideravelmente alguns significados das traduções, pois utilizar-se dos textos em Grego, Latim, Hebraico ou, inclusive, em outras línguas modernas, como o Francês ou o Inglês, pode impregnar a tradução com os signos do tradutor dessas línguas, pois em alguns casos, o texto básico pode, inclusive, não ter desenvolvido o sentido que a tradução forneceu, como o caso da equivalência dinâmica, como indica Konings:

Já a tradução por equivalência dinâmica procura suscitar no leitor, mediante um uso linguístico adequado do idioma final, o efeito de significação que o texto teve no leitor inicial, em outro contexto cultural. Nisso, não se trata somente da semântica dos termos e estruturas linguísticas em si (a semântica no sentido estrito), mas também do efeito produzido no leitor originário (a pragmática do texto). Sobre tudo este aspecto é difícil de ser atingido e avaliado. O tradutor facilmente projetará no texto o efeito que ele gostaria ver produzido no leitor, mesmo se não se pode verificar que esse foi o efeito inicial. Neste caso, fala-se em manipulação¹².

Nossa proposta é discutir como Levítico 20,27 é remodelado nas diferentes traduções e versões da Bíblia na língua portuguesa disponíveis no Brasil e observar se existe algum objetivo de interdição do outro que corresponda a uma projeção no texto sobre as questões ligadas a contemporaneidade. Essa projeção do outro consiste, neste artigo, em espíritas e principalmente afro-brasileiros, porque são os praticantes de religiões que estão diretamente em disputa com o cristianismo no mercado religioso brasileiro.

Utilizamos como referencial teórico e metodológico os estudos da Análise do Discurso de Maingueneau, a partir da sua noção de primado do interdiscurso, onde os discursos não falam sozinhos, pois fazem parte de um *Mesmo* e um *Outro*¹³ e, juntos, inserem o discurso dentro de um sentido ideológico, levando em consideração a necessidade de dar a devida importância às ações discursivas do texto religioso proposto, como nos adverte Maingueneau:

¹² KONINGS, J. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. *Perspectiva Teológica*, v. 35, n. 96, 2003, p. 232.

¹³ MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola, 1995, p. 31.

O caráter marginal dos trabalhos de análise do discurso religioso está igualmente relacionado a um problema cultural dos pesquisadores, em particular no caso das três religiões do Livro. É sempre possível dirigir um olhar ingênuo a um texto religioso, como a um texto literário ou filosófico, mas o texto só alcança legibilidade quando relacionado a um vasto intertexto¹⁴.

Nessa direção, analisamos o contexto das diversas traduções para apreender as questões que estão diretamente ligadas a necessidade de manter um vasto intertexto de interdição religiosa. Essa interdição mantém, porém, ainda como base, a violência imposta por Levítico 20,27. Observamos que a tradição da interdição atua em diversos momentos histórico-sociais e exercem influência significativa na estrutura narrativa das traduções para mantê-la atual.

Desenvolvimento do primado discursivo

Por não propormos o estudo sobre tradução, equivalência ou diferença, mas sim, a análise do discurso como identificador das questões ideológicas, presentes e ao mesmo tempo invisíveis dentro da tradução e marcadas diretamente a partir dos autores das traduções, com seus possíveis significados e necessidades que podem se apresentar ao realizarem a transposição de um texto de uma língua para outra, utilizamos como ponto de partida a tradução para o português de Almeida de 1819, a primeira em um único volume:

Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver hum espirito adivinhante, ou for encantador, morrendo morrerão: com pedras apredrejarsehão; seu sangue he sobre elles¹⁵.

¹⁴ MAINGUENEAU, D. *Historicidade de um gênero de discurso: o sermão*. In: SILVA, M. C. P. S. E.; POSSENTI, S. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 100.

¹⁵ Bíblia Sagrada. Português. Levítico 20,27. Tradução de João Ferreira de Almeida, [S.l.: s.n.], 1819.

Ao observar a tradução de Almeida, entendemos que existe uma ordem expressa no texto, que é: matar por apedrejamento qualquer homem ou mulher que tenha um espírito de adivinhação ou encantador. Já outra versão, no mesmo período, tem algumas diferenças, como a edição de 1832, de Figueiredo:

O homem ou a mulher em que houver espírito Pthonico, ou d'adivinho, morrerão de morte. Apedreja-los-ha: o seu sangue recaia sobrelles¹⁶.

Embora as duas versões indiquem o adivinho, Almeida transcreve que, além dele, estava genericamente o encantador. Já na tradução de Figueiredo apresenta-se o espírito pitônico, uma referência direta às pitonisas gregas do templo de Apolo que realizavam adivinhações com oráculos e profecias em línguas inteligíveis¹⁷.

Não é nosso intuito estabelecer se a tradução utilizada por ambos era a mesma, se era grega ou qualquer outra questão para explicar as diferenças entre Almeida e Figueiredo, mas, sim, compreender o objeto ideológico da interdição no discurso traduzido e como ele se relaciona e cria novos interdiscursos com o ethos que estamos observando, que são os leitores brasileiros de língua portuguesa.

Assim, podemos observar que na tradução de Figueiredo uma das interdições está diretamente ligada a um procedimento religioso, especificamente grego, e está bem configurado pela informação das pitonisas do culto a Apolo, ou seja, sua posição no tempo e no espaço é demarcada precisamente no texto traduzido.

Já em Almeida não existe especificidade, o termo encantador é usado em detrimento do espírito pitônico. Neste caso remove-se possíveis controvérsias do co-enunciador sobre o que é o objeto de interdição, pois provavelmente espírito pitônico não é uma referência compreendida imediatamente por qualquer leitor da Bíblia, logo os signos devem ser ativados por uma interpretação externa, outro discurso, que dá significado

¹⁶ Bíblia. Português. Bíblia Sagrada. Levítico 20,27. Tradução Antônio Pereira de Figueiredo, [S.l.: s.n.], 1832.

¹⁷ ANDRADE, A. L. P. e MIGUEL, I. S. Tende Em Vós Os Mesmos Sentimentos De Cristo (Fl 2,5). *Revista Convergência*. Rio de Janeiro, v. 44, n. 426, 2009, p. 678.

ao texto, como, por exemplo, faz a interpretação de Kramer¹⁸ em *O martelo das feitiçeras*¹⁹.

Entretanto, com a definição genérica do encantador permitem-se representações atemporais e geograficamente dispersas, deixando as lacunas do texto em uma grande polissemia, para adaptá-la por um discurso externo ou conforme o entendimento direto do co-enunciador, ativando todos os signos construídos que correspondam a figura do encantador, ou uma semântica global a partir do estatuto do enunciador e do destinatário, como defende Maingueneau:

Os diversos modos de subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer²⁰.

Entendemos assim, que essa generalização pode desenvolver diversos interdiscursos a partir de Levítico 20,27, dando maior autonomia a interpretações possíveis do texto por apresentar sua competência discursiva ligada à própria Bíblia, tanto aos fatos históricos sociais da época do seu escrito quanto na contemporaneidade diretamente e a partir do co-enunciador, pois o “princípio de uma competência discursiva permite esclarecer um pouco a articulação do discurso e a capacidade dos sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que dele decorram”²¹.

Se a competência discursiva do texto traduzido pode articular o discurso para diversas direções, logo poderemos encontrar diversos estatutos ligados ao que se trata o discurso de Levíticos 20,27, mas que só agirão a partir do seu primado discursivo, o sentido específico do texto que permite o desenvolvimento de novos discursos, por isso necessitamos identificá-los.

¹⁸ Embora originalmente em alemão e anterior a tradução dos autores até aqui mencionados, este livro encontra-se em português. Ele pode ser utilizado até hoje como referência para entender quais são os objetos que estão dispostos em Levítico 20,27.

¹⁹ KRAMER, Heinrich. *O martelo das feitiçeras*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015, p. 325.

²⁰ MAINGUENEAU, 1995, p. 87.

²¹ MAINGUENEAU, 1995, p. 52.

Sabemos que há uma interdição a alguma prática religiosa e podemos encontrar diversas possibilidades sendo levantadas, como, por exemplo, a partir das práticas babilônicas, conforme argumenta Emmerson:

A única nota condenatória aparece em Ez 13,17-23, contra um grupo de mulheres descritas como profetisas, se bem que a natureza de suas atividades sugira que estivessem metidas em magia. Está claro pela maneira em que se dirige a elas, que são mulheres israelitas, mas suas artes mágicas, reminiscências de práticas babilônicas, são exercidas no exílio, e caem fora do escopo desse ensaio. Mas é evidente, pela necessidade de proibir essas atividades, impondo a pena de morte para mulheres e varões (Levítico 20,27), e isso não era desconhecido em Israel²².

Para Emmerson, a centralidade de Levítico 20,27 está em coibir práticas babilônicas, posicionadas geográfica e historicamente dentro de um contexto amplo de pertencimento. Existe também a teoria de que conduta era de dentro da sociedade, mas com uma prática religiosa a partir de outra explicação de realidade de mundo e, por isso, inadmissível para aqueles que desejavam outra forma de pensamento hegemônico, conforme entende Fohrer:

O aspecto mais significativo, sem dúvida, foi a luta contra a magia, que se traduziu em uma relação cultural exclusiva com Iahweh e em uma acentuada unidade entre fé e ethos, fruto da Lei – muito embora isso tenha ocorrido na forma contingente e largamente superada do culto e da Lei vetero-testamentários. Em última análise, porém, as atitudes mágica e cultural-legal não se diferenciavam em essência, mas apenas em grau. De modo efetivo, com sua ação cultural e a observância da Lei, o homem procurava obter a bênção e a graça de Deus. A exemplo do homem dedicado à magia, ele procurava obter segurança para a sua vida com a ajuda de Deus, negligenciando ou deformando o significado daquilo que Deus questionava em seu modo de vida. Sendo assim, a uma firme posição antimágica, opunha-se a contínua tentativa – tipicamente humana – de obter segurança

²² EMMERSON, G. I. Mulheres no Israel Antigo. In: CLEMENTS, R. E. *O mundo do antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 358.

para a própria vida com a ajuda do deus do povo, utilizando-se, para isso, do culto e da Lei²³.

Para Fohrer, os objetivos da interdição era remover da sociedade aquilo que era definido como mágico, sem identificar se era ou não de outra expressão cultural, ou seja, o que importa é que essas práticas se contrapunham diretamente a uma estrutura social que era baseada no culto e na observação da Lei. Logo, procedimentos mágicos que promovessem uma relação com outros tipos de forças colocavam em risco os diversos tipos de autoridade, porém Fohrer articula a presença da magia dentro da sociedade da época e não o embate externo, como, por exemplo, o babilônico.

A Bíblia popular²⁴ compreende que a Bíblia é um livro que deve ser tratado dentro de um contexto atualizado, presente, como podemos observar o trecho em que é citado o texto de Levítico 20,27:

Espiritismo: Deus disse também: “Não quero que vocês se dirijam aos médiuns espíritas, nem os consultem, para não serem desviados por eles” (veja Lev 20,27, 20,6; Deut 18,11; Reis 21,6)²⁵.

Essa abordagem demonstra claramente qual é a visão do segmento religioso que publica o livro quando relacionada ao texto de Levítico 20,27: liga-o diretamente aos médiuns espíritas, independente do que possa sugerir suas fontes históricas.

Embora possa variar o objeto que necessita de interdição, esses autores concordam com a questão central de Levíticos 20:27: rechaçar outras práticas, com o máximo rigor. Rechaçar no sentido de se manter dentro das suas estruturas de autoridade e, assim, continuar exclusivo na sua sociedade. Por certo essa proteção, ligada a necessidade de uma hegemonia discursiva, não está apenas em Levítico 20,27, diversos textos propõem que para cada grupo de sacrilégios existe uma forma de punição, como indica Crusemann:

²³ FOHRER, G. *Estruturas teológicas fundamentais do antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 99.

²⁴ Embora tenha esse nome, é um livro de comentários das interpretações dos textos bíblicos e não uma versão da Bíblia em si.

²⁵ Bíblia Popular [S.l.: s.n.], 1970, p. 35

Para se obter um quadro geral de como o Documento Sacerdotal lida com os pecados de pessoas individuais, será preciso fazer referência ainda à longa lista de sacrilégios culturais, para a qual está previsto o castigo de ser “cortado fora” (krt nif.) do povo e da parentela. Isso vale para os tabus sexuais de Lv 18, aos quais se refere v.29. Em Lv 20, está prevista a pena de morte para esses casos; o mesmo vale também para os sacrifícios a Moloc (20,2-5), a consulta aos mortos (20,6), para a violação da Páscoa (Nm 9,13; Ex 12,15.19), do sábado (Ex 31,14), do dia da expiação (Lv 23,29s), da circuncisão (Gn 17,14), para a ingestão de sangue (Lv 7,27; 17,10.24) ou a apresentação de sacrifícios ilegítimos (Lv 17,4.9)²⁶.

Como diversas possibilidades que colocam em risco diretamente o sistema dogmático tem punições, estabelecer Levítico 20,27 a um objeto específico também está diretamente ligado à noção de manter uma estrutura de exclusividade sacerdotal ou, em nossa análise, a uma ideologia social de manutenção do poder religioso.

Não permitir concorrência com outras possibilidades religiosas é importante e, por isso, um tipo de culpa classificada como intencional e afeta diretamente o pensamento sobre o poder daqueles que podem operar a religião. Nesse sentido, as questões de manter interdições – através de uma lei – é coibir aquilo que se entende ser danosa ao seu ordenamento social; logo, a razão de existir a proibição está ligada diretamente ao reconhecimento da existência de uma prática que não é desejada. Por esse caminho podemos constatar que o primado do discurso de Levítico 20,27 é claramente uma interdição de uma prática de outro modelo religioso não aceito, ou seja, esse é o seu fundamento básico, seu discurso constituinte²⁷.

Mas não é uma interdição qualquer, sua punição não passa por uma punição física, moral ou até uma purificação ritual que recoloca o autor da desobediência novamente dentro do ordenamento social. A prática de uma elaboração religiosa divergente é repreendida, especificamente, com o ato mais profundo e violento que se pode exercer sobre alguém que está em desacordo com a conduta religiosa vigente: a morte.

²⁶ CRUSEMANN, F. *A Torá – Teologia e história social da lei do antigo testamento*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 434.

²⁷ MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 37.

Podemos notar, inclusive, que em Levítico 20,6 o castigo para quem solicitar os serviços das pessoas que realizam tais práticas mágicas é o de banimento da presença do seu deus, determinando uma grande diferença entre procurar pela prática e realizar a prática, o que nos permite afirmar que a intenção do texto também é a de credenciar apenas os profetas e sacerdotes específicos como o corpo de especialistas capazes de manter a religião operante.

Analisado o primado do discurso, voltamos às traduções em português para retratarmos como o objeto da interdição de Levítico 20,27 é desenvolvido nas mais variadas versões e traduções, não exclusivamente pela via da eficiência do tradutor, de como ele realiza a transposição do texto para o português e se mantém legitimado na sua invisibilidade.

O autor de uma tradução pode impregnar o texto com sua interpretação do dito em outra língua. Os signos presentes na sua ideologia estão ativos, mesmo que ele se esforce para que sejam invisibilizados e, assim, pode marcar significativamente o texto e sua relação com os co-enunciadores.

Tratando-se de uma tradução da Bíblia, podemos, inclusive, estabelecer significativa importância aos autores coletivos “que não estão propriamente falando, locutores individuais de carne e osso. Basta pensar nas instituições, como ministérios, os conselhos de administração, as direções de empresas, os serviços, os partidos políticos, as associações de todos os tipos”²⁸.

Nesse sentido, podemos perceber a inexistência, diante de uma tradução da Bíblia, de uma soberania irrestrita do tradutor, pois haverá, principalmente, o autor institucional, o corpo de editores e avaliadores, que detêm o direito simbólico sobre a tradução, ou corpo de especialistas, como afirma Bourdieu:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou reprodução de um “corpus” *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e, portanto, raros),

²⁸ MAINGUENEAU, D. *Discursos e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 75.

a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam, por essa razão, em leigos²⁹.

No nosso contexto, esses especialistas não estão exclusivamente ligados à capacidade de tradução de um texto; mas, inclusive, a uma competência institucional, que é ideológica e está diluída dentro das estruturas da instituição que gerencia e credencia a legitimidade da tradução em que pessoas – em diversas posições hierárquicas – podem traduzir, aceitar, vetar ou propor alterações no texto traduzido.

Existe então, nas traduções da Bíblia, uma autoria coletiva, ou, como preferimos chamar, uma instituição de tradução, responsável pela tradução bíblica que é, em última instância, a responsável direta por tudo que o leigo e, inclusive, outros sacerdotes compreenderão sobre a Bíblia, inclusive evocando os autores originais como os únicos que falam no texto, pois “não há dúvida de que a morte do locutor-fonte dota a enunciação destacada de sua potência máxima, desvestindo o autor de toda pretensão à propriedade”³⁰.

Por essas razões, nossa questão não está na língua e na sua equivalência com o texto original propriamente dito. Aqui nos atemos ao fato de que ela é, inclusive, uma estrutura da linguagem que, por sua vez, é signo. E entendemos que o mais importante para a ideologia de algumas instituições de tradução sobre Levítico 20,27 é manter o signo vivo para operar seus interdiscursos de interdição. Observaremos agora como diversas traduções se desenvolvem na tentativa de manter essa contemporaneidade do objeto da interdição do discurso.

Releituras do Levítico 20,27 à brasileira

Há inúmeras traduções da Bíblia em português, o que acarreta, consequentemente, inúmeras variações do texto. Por isso, manteremos nosso

²⁹ BOURDIEU, P. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 39.

³⁰ MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*, São Paulo: Parábola, 2014, p. 185.

foco em algumas que compreendemos ser mais representativas. Podemos verificar que temos, inclusive, alterações na tradução de Almeida, agora chamada de “Corrigida e Revisada Fiel”, nessa tradução:

Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito de necromancia ou espírito de adivinhação, certamente morrerá; serão apedrejados; o seu sangue será sobre eles³¹.

Nessa versão de Almeida, “adivinho” é mantido, mas “encantador” é substituído por necromancia, ou seja, removem-se os que encantavam e, agora, a lei fala sobre pessoas que têm em si espíritos de necromancia. Se levarmos em conta a questão ideológica de manter o texto atualizado, entendemos que essa alteração é fundamental para inserir novos requisitos nas relações com as religiões de contato social mais expressivo, como as religiões indo-afro-brasileiras.

Compreendemos, então, que nesse discurso de restrições de Levítico 20,27 na Almeida Corrigida e Revisada Fiel voltava-se principalmente para as adivinhações e seus oráculos, bem como para a necromancia ou espírito dos mortos. Diversas outras traduções vão ao encontro dessa intencionalidade, como a tradução da CNBB:

O homem ou a mulher que evocarem espíritos ou praticarem adivinhação serão mortos por apedrejamento. Seu sangue cairá sobre eles³².

E a Bíblia de Jerusalém:

O homem ou a mulher que, entre vós, forem necromantes ou adivinhos serão mortos, serão apedrejados, e o seu sangue cairá sobre eles³³.

Ou, ainda, a NTLH da Sociedade Bíblica do Brasil:

³¹ Bíblia Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Levítico 20,27. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

³² Bíblia Sagrada. Tradução CNBB, 2001, Levítico 20,27.

³³ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, Levítico 20,27.

Qualquer homem ou mulher que invocar os espíritos dos mortos ou praticar feitiçarias deverá ser morto a pedradas. Essa pessoa será responsável pela sua própria morte³⁴.

Podemos, inclusive, perceber que essas traduções tendem levar em consideração o novo entorno religioso, pois espíritos pitônicos, por exemplo, é substituído por necromancia, ou por invocar espíritos. Perde espaço, justamente, termos que não fazem mais parte de um sistema religioso que apresente alguma forma de perigo para a estrutura teológica do cristianismo em que essas traduções são utilizadas.

Evidenciamos essa relação com diversas religiões indo-afro-brasileiras quando entendemos que em algumas é comum o jogo de búzios e o opelê³⁵, jogos por meio dos quais o sacerdote identifica os caminhos espirituais da sua clientela. Além disso, no candomblé, os filhos de santo incorporam seus orixás, inquices e voduns³⁶.

Já na Umbanda, a incorporação de entidades espirituais, que para muitos são reconhecidas como antepassados³⁷, é um dos pilares da religião, assim como a Jurema e seus mestres e encantados³⁸. Além das religiões indo-afro-brasileiras, outras religiosidades também mantêm esse tipo de contato com seres espirituais, como é o caso do Espiritismo, em que a incorporação de pessoas desencarnadas é o cerne da sua doutrina³⁹.

Corroborar a possibilidade ideológica da comunidade de tradução operando sobre o texto quando levamos em consideração que a prática de encantadores, também suprimida destas versões, continua presente nas cosmovisões indígenas, mas ao mesmo tempo essas cosmovisões não nos parecem, atualmente, relevantes para as instituições de tradução,

³⁴ Bíblia Sagrada NTLH. Barueri: SBB, 2012, Levítico 20,27.

³⁵ MARTINS, A. *As mil verdades de Ifá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, p. 135.

³⁶ NUNES E. S. e MOURA M. A. *Representações Sociais Dos Caboclos Em Terreiros De Candomblé Congo-Angola*. Revista FSA, v. 12, n.1, jan/fev 2015, Teresina: Centro Universitário Agostinho, p. 39.

³⁷ TEIXEIRA, A. A. *O livro dos médiuns de umbanda*. [S.l.]: Eco, 1967, p. 101.

³⁸ ASSUNÇÃO, L. C. *Reino dos mestres: a tradição da jurema da umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010, p. 80.

³⁹ ARRIBAS, C. G. Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo. *Horizontes Antropológicos*, v. 19, n. 40, Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 466-470.

ou seja, não apresentam alguma ameaça direta ou eminente sobre seus sistemas religiosos.

Podemos então argumentar que uma vez que na estrutura religiosa de grande parte da população brasileira não há mais uma penetração significativa da cultura indígena; por conseguinte, não se apresentam como um risco em potencial para os interdiscursos relacionados à interdição, por isso não estariam mais presentes nas traduções de Levíticos 20,27 por se mostrarem desnecessárias.

Avançando nessa posição, da possibilidade ideológica da intencionalidade do autor a partir da comunidade de tradução, diversos estudos determinam que o texto de Levítico foi escrito em um momento histórico específico para um co-enunciador específico, como ressalta Cechinato:

Levi era um dos doze descendentes de Jacó. E Deus consagrou os descendentes de Levi ao serviço do culto divino, tanto os sacerdotes como os Levitas. Daí é que vem o nome do livro: “Levítico”. É um livro que trata das leis sobre o culto divino. Uma espécie de “ritual” dos sacrifícios oferecidos a Deus naquele tempo. Por isso, as prescrições do Levítico, hoje, não têm mais aplicações⁴⁰.

Ao indicar as prescrições dos rituais de sacrifício como não aplicáveis hoje, Cechinato não está se referindo diretamente a todo o Levítico, mas argumenta que não há mais sentido atualmente os rituais de sacrifícios no formato descrito em Levítico, pois era uma prática realizada apenas naquele tempo. Nesse caso, parece-nos que a interpretação de Cechinato é acomodar interdiscursos cristãos que conflita diretamente com algumas questões de Levítico, como argumenta nessa direção Susin:

De fato, a ressurreição, como coroamento do fio dourado da Escritura, é a definitiva vitória da misericórdia sem sacrifício, porque é uma vitória sem produzir vencidos; vitória sem vingança, sem novas vítimas; é força suave que chega por testemunhas femininas, trazendo outra lógica, a da religião do dom de vida sem precisar de morte; do reconhecimento e da ação de graças, sem precisar do preço da vida⁴¹.

⁴⁰ CECHINATO, L. *Conheça melhor a bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 75.

⁴¹ SUSIN, L. C. *Da Religião do Sacrifício à Religião da Fraternidade*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./dez. 2010, p. 385.

A intencionalidade dos interdiscursos se apresenta quando constatamos direções ambíguas: no mesmo momento em que é necessário, para algumas comunidades de tradução, manter atualizado o objeto de interdição em Levítico 20,27, diversos estudiosos definem que partes de Levítico, como algumas práticas rituais, necessitam ser colocadas em um contexto histórico de superação. Porém, até o momento, não encontramos nenhum estudo teológico sobre a superação de Levítico 20,27.

Indica-nos, inclusive, que para diversas comunidades cristãs a transposição para o presente é o mais indicado para algumas passagens de Levítico (falar com os mortos); já para outras passagens (rituais de sacrifício) a contextualização histórica é a mais apropriada. Dessa forma, se estabelece uma pressão ideológica em diversas traduções, pois facilitar o entendimento do contexto de Levítico 20,27 a partir da competência discursiva apropriada a seus dogmas aumenta a apreensão do entendimento proposto por essas doutrinas a seus membros.

Mas em diversas traduções de Levítico 20,27 as comunidades religiosas necessitam de uma explicação do que trata o texto, necessitam desenvolver o sentido de necromante, adivinhos ou praticar feitiçaria e, para resolver a questão da polissemia apresentada pelas diversas traduções bíblicas, entendemos que algumas instituições de tradução realizaram a mudança direta no signo do texto para comportar, indiscutivelmente, o cenário religioso brasileiro, como apresenta a tradução da Nova Versão Internacional:

Os homens ou mulheres que, entre vocês, forem médiuns ou consultarem os espíritos, terão que ser executados. Serão apedrejados, pois merecem a morte⁴².

E assim descrito na Bíblia Nova Versão Transformadora:

Os homens e mulheres entre vocês que forem médiuns ou que consultam espíritos dos mortos serão apedrejados até morrer; decretaram sua própria morte⁴³.

⁴² Bíblia Sagrada NVI. Levítico 20,27. São Paulo: Vida, 2015.

⁴³ Bíblia Nova Versão Transformadora, Levítico 20,27. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

O texto de Levítico 20,27, nessas versões, diminui significativamente suas possíveis interpretações, remove-se completamente do contexto histórico que foram escritos, e passa a atuar diretamente em um novo ambiente histórico, o contemporâneo, com uma hermenêutica que não necessita mais do sacerdote ou da interpretação de um intertexto de apoio sobre o que seria o objeto de interdição, que está posta pelo ethos discursivo brasileiro.

A palavra médium está completamente inserida na competência discursiva que garante estatuto atribuído ao co-enunciador que identifica uma série de práticas religiosas que são facilmente identificadas para, praticamente, todos os leitores da Bíblia no Brasil. Seu signo ultrapassa, inclusive, os significados de auto identificação conceitual em diversos sistemas religiosos.

Um Babalawo, por exemplo, é um sacerdote de Ifá⁴⁴ para diversas comunidades religiosas afro-brasileiras que não o classificam como médium⁴⁵, mas facilmente encontraremos diversas comunidades cristãs que entendem que o conjunto de pessoas que participam dos rituais das mais diferentes religiões afro-brasileiras são designados por médium no sentido indicado por essas traduções de Levítico 20,27, ou ainda, simplesmente macumbeiros, reordenando o signo a partir de uma conotação pejorativa.

Nessa premissa, a instituição que promove essa tradução agora é a detentora completa do significado. O médium passa a ser identificado dentro do seu texto sagrado como a pessoa responsável, que irá, inclusive, arcar com toda a violência imposta contra essas práticas e por não seguir os ordenamentos da religião.

Não há necessidade de uma elaborada interpretação, restringiu-se fortemente o conteúdo polissêmico do texto. Basta o sacerdote proferir Levítico 20,27 ou o leigo ler esse versículo bíblico nessas versões que diversas religiões brasileiras estarão contempladas indiretamente pelo texto e diretamente pelo signo.

⁴⁴ BRISSAC, Sérgio. *Os Yoruba do Novo Mundo: religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos*. Revista Mana, Mana, v. 18, n. 3 Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p. 596.

⁴⁵ Bueno, R. G. *O canto a Pai Fernando e o babalawo*, Terreiro do Pai Maneco. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2016/05/25/o-canto-a-pai-fernando-e-o-babalawo-por-rafael-guijarro-bueno/>. Acesso em: 10/08/2018.

Identificamos essa questão ao observar diversas controvérsias a respeito dessa possibilidade de tradução de Levítico 20,27, como podemos observar em Silva:

Estas três (03) citações do Levítico, normalmente são dirigidas por tradutores como condenação ao Espiritismo, isso porque eles ainda não sabem diferenciar o Espiritismo das idolatrias e adivinhações como esclarecemos no final da nossa introdução⁴⁶.

Observamos que a problemática envolvida em Silva se refere estritamente ao objeto de interdição citadas em diversas traduções de Levítico 20,27, problematizando as comunidades de tradução. Observando os caminhos que percorre sobre a interdição das diferentes práticas religiosas, Silva ainda indica:

Portanto, não confunda Espiritismo com Umbanda, Quimbanda, Feitiçarias, Candomblé, Macumba, Magia Negra, Magia Branca, Adivinhos, Necromantes e Cultos Afro-brasileiros.

O Espiritismo é o Evangelho redivivo de Jesus⁴⁷.

O que suscita uma série de debates, inclusive acadêmicos, sobre se essa seria ou não uma tradução válida, como Borges, que argumenta a favor sobre as questões levantadas por Silva:

As análises prosseguem e são ricas de detalhes, sempre no sentido de demonstrar as traduções equivocadas com o intuito de denegrir o Espiritismo, ao equiparar médiuns Espíritas a encantadores e adivinhos⁴⁸.

Assim, o campo de disputa é o objeto de interdição que pode ser assumido a partir de uma tradução em português de Levítico 20,27, mas sempre a partir da contemporaneidade, e não necessariamente as questões de um povo marcado em um local histórico-social bem definidos,

⁴⁶ SILVA, S. C. D. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 74.

⁴⁷ SILVA, 2009, p. 31.

⁴⁸ BORGES, D. D. A. *Os Fundamentos Histórico-Filosóficos da ideia cristã e do espiritismo a partir das ideias de Sócrates e Platão*. *Revista Brasileira de História das Religiões* (Maringá), v. 1, n. 3, 2009, p. 10.

de práticas superadas ou se essas práticas são ou não são mais aceitas no modelo social atual.

Conclusão

Embora Levítico 20,27 seja uma restrição a práticas religiosas presentes na sociedade dos autores originais, as diversas versões e traduções do texto para a língua portuguesa divergem do objeto dessa interdição: ora é a necromancia, ora o encantador, ora o médium e, com isso, observamos que a transposição do texto bíblico para o português pode, inclusive, evidenciar ideologicamente algumas comunidades de tradução pela adequação do objeto a sua atualidade.

Essa diversidade do objeto do discurso para estabelecer a interdição a um processo religioso contrário aos seus evidenciam que diversas comunidades de tradução não contemplam se é necessária uma pacificação ou compreensão de uma nova proposta de cristianismo no diálogo inter-religioso, que poderia levar Levítico 20,27 ao desuso, como outras passagens do próprio Levítico, como, por exemplo, o caso da questão sacrificial.

Para além de definir se as práticas babilônicas, as pitonisas e o espiritismo têm vínculos ou não, e se as traduções podem ou não estabelecer critérios de similaridade, a ideologia do discurso é maior e necessita manter o texto atualizado. Nesses termos, para continuar sustentando seus próprios interdiscursos, reelaboram o texto para uma competência discursiva onde as estratégias utilizadas expõem a ideologia das instituições de tradução, nas quais muitas têm como objetivo garantir a eficácia de Levítico 20,27 na atualidade.

Com isso, a necessidade de manter o signo e interdição do que deseja estabelecer, garantindo-se, inclusive, a ideologia à frente de critérios técnicos de tradução, diversas instituições de tradução alcançam sucesso, restauram o texto, tornam-se invisíveis, reivindicam sua atualidade e estabelecem os parâmetros do objeto de intervenção em Levítico 20,27, para fazer o texto atuar exclusivamente no campo religioso contemporâneo.

O sucesso de estipular o objeto de interdição na tradução em português de Levítico 20,27 está nas condições de criar rapidamente um vasto

interdiscurso de intolerância com as demais religiosidades que utilizam algum conceito de mediunidade que seja reconhecido pela sociedade brasileira. Pode-se, agora, advertir e, ao mesmo tempo, dar subsídios ao fiel, de que esses modelos de práticas religiosas sempre foram reprováveis, atualizando os discursos novamente, conforme novas percepções venham sendo elaboradas.

Para além de manter a tradição de interdição de outras práticas religiosas, o texto atualizado continua carregado de violência, pois o sentido da punição não foi mudado, ainda é a morte, e o texto – nessa ótica – não sofreu nenhuma alteração, pois o apedrejamento ainda é o meio utilizado.

Sabemos que a ordem do texto, de gerar violência, é latente, como uma neblina que ainda paira dentro do inconsciente de uma parcela de religiosos que pode, a qualquer momento, ser acionada por diversos fatores e trazer consequências traumáticas para o convívio social. O texto é mantido deliberadamente para manter a tradição da punição, e a violência pode ser rechaçada, inclusive, pela instituição de tradução; mas desenvolvida, aceita e velada a partir do desejo de manter o texto atual, apontando-o diretamente a uma parcela específica de religiões do seu entorno.

Compreendemos, assim, que as pedras atiradas e as diversas manifestações de violência contra outras religiões, em especial as afro-brasileiras, não podem ser creditadas diretamente ou exclusivamente a algumas versões dos textos em português de Levítico 20,27, mas podem, mesmo assim, ser utilizadas em uma cadeia de interdiscursos que são alimentadas, inclusive, pelas instituições de tradução, para propagar para as demais instâncias, desde sacerdotes a leigos, a necessidade ideológica de interdição das demais religiões que competem diretamente no campo religioso brasileiro, permitindo ao autor do ato de violência encontrar no discurso de Levítico 20,27 um ponto de apoio ou justificativa.

É nessa evidencia da ideologia dos interdiscursos que podemos entender as dificuldades do diálogo inter-religioso, do convívio das diferenças e de como os processos de violência passam a ser aceitos e justificados pela tradi(u)ção, a fim de manter a Bíblia como um livro sagrado que é um só, ontem, hoje e amanhã.

Referências

- ANDRADE, A. L. P. e MIGUEL, I. S. *Tende Em Vós Os Mesmos Sentimentos De Cristo (Fl 2,5)*. *Revista Convergência* (Rio de Janeiro), v. 44, n. 426, 2009, p. 678.
- ANGUS, J. *História e doutrina e interpretação da bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2004.
- ARRIBAS, C. G. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. *Horizontes Antropológicos*, v. 19, n. 40, Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 466-470.
- ASSUNÇÃO, L. C. *Reino dos mestres: a tradição da jurema da umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- BORGES, D. D. A. *Os Fundamentos Histórico-Filosóficos da ideia cristã e do espiritismo a partir das ideias de Sócrates e Platão*. *Revista Brasileira de História das Religiões* (Maringá), v. 1, n. 3, 2009, p. 1-26.
- BOURDIEU, P. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRISSAC, Sérgio. Os Yoruba do Novo Mundo: religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos. *Revista Mana*, v. 18, n. 3 Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p. 595-598.
- Bueno, R. G. *O canto a Pai Fernando e o babalawo, Terreiro do Pai Maneco*: Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2016/05/25/o-canto-a-pai-fernando-e-o-babalawo-por-rafael-guijarro-bueno/>. Acesso em: 10/08/2018.
- Bíblia Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Levítico 20,27. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.
- Bíblia de Jerusalém. Levítico 20,27. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Nova Versão Transformadora, Levítico 20,27. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- Bíblia Popular, [S.l.: s.n.], 1970.
- Bíblia Sagrada, tradução CNBB. Levítico 20,27, 2001.
- Bíblia Sagrada NVI, Levítico 20,27, São Paulo: Vida, 2015.
- Bíblia Sagrada, NTLH. Levítico 20,27. Barueri: SBB, 2012.
- Bíblia Sagrada. Levítico 20,27. Tradução Antônio Pereira de Figueredo, [S.l.: s.n.], 1832.

- Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida, [S.l.: s.n.], 1819, Levítico 20,27
- CAVALCANTI, G. H. *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo: Edusp, 2005.
- CECHINATO, L. *Conheça melhor a bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CRUSEMANN, F. *A Torá – guia e história social da lei do antigo testamento*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CORTEZ, Lucas. ‘Jogaram coco, pau e pedra’, diz chefe de terreiro de umbanda que se diz alvo de intolerância religiosa no RN. G1 RN. 02 nov 2017. Disponível em: ‘Jogaram coco, pau e pedra’, diz chefe de terreiro de umbanda que se diz alvo de intolerância religiosa no RN. Acesso em: 20/02/2018.
- EMMERSON, G. I. Mulheres no Israel Antigo. In: CLEMENTS, R. E. *O mundo do antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 353-375.
- FOHRER, G. *Estruturas teológicas fundamentais do antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- KONINGS, J. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. *Perspectiva Teológica*, v. 35, n. 96, 2003, p. 215-238.
- KRAMER, Heinrich. *O martelo das feiticeiras*, Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.
- LOPES, M. M. M.. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Mackenzie 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola, 1995.
- _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Discursos e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. *Frases sem texto*, São Paulo: Parábola, 2014.
- _____. *Historicidade de um gênero de discurso: o sermão*. In: SILVA, M. C. P. S. E.; POSSENTI, S. Doze Conceitos em Análise do Discurso. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARTINS, A. *As mil verdades de Ifá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- NUNES E. S. e MOURA M. A. Representações Sociais Dos Caboclos Em Terreiros De Candomblé Congo-Angola. *Revista FSA*, v. 12, n. 1, jan/fev 2015, Teresina: Centro Universitário Agostinho.
- OLIVEIRA, Felipe. Após sair de culto de candomblé, menina de 11 anos leva pedrada no Rio. Folha de São Paulo. 16 jun 2015. Disponível

em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1642819-apos-sair-de-culto-de-candomble-menina-de-11-anos-leva-pedrada-no-rio.shtml>. Acesso em: 01/02/2018.

RIBEIRO, O. L. Os filhos de Adão” na Bíblia Hebraica. *REFLEXUS*, v. 5, n. 6, 2014, p. 145-161.

SILVA, S. C. D. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa: Ideia, 2009.

SUSIN, L. C. Da Religião do Sacrifício à Religião da Fraternidade. *Teo-comunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, set./dez. 2010, p. 378-389.

SILVEIRA, Daniel. Idosa é agredida a pedradas e família denuncia intolerância religiosa em Nova Iguaçu. G1 Rio. 20 ago 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/idosa-e-agredida-a-pedradas-e-familia-denuncia-intolerancia-religiosa-em-nova-iguacu.ghtml>. Acesso em: 05/02/2018.

TEIXEIRA, A. A. *O livro dos médiuns de umbanda*. [S.l.]: Eco, 1967.

VIEIRA, Isabela. Aplicativo recebe denúncias de violência contra praticantes de religiões afro. Agência Brasil. 13 out 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/aplicativo-recebe-denuncias-de-violencia-contrapraticantes-de>. Data de acesso: 01/02/2018.

ZABATIERO, J. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

Submetido em: 28/06/2018

Aceito em: 14/10/2018